

RURALIDADES E URBANIDADES: tempos e espaços na vida cotidiana dos “bóias-frias” – Goianésia, Goiás

RURAL AND URBAN: time and space in the of “temporary rural workers” – Goianésia, Goiás

RURALES ET URBAINES: temps et espace dans la vie quotidienne des “travailleurs ruraux temporaire” – Goianésia, Goiás

Glauber Lopes Xavier

Professor Efetivo da Universidade Estadual de Goiás
Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás
Avenida Juscelino Kubitschek, bairro Jundiá
75110-390 - Anapolis, GO – Brasil
glauber.xavier@ueg.br

Resumo

Permeado por ruralidades e urbanidades, o cotidiano dos “bóias-frias” é bastante revelador a quem se propõe investigá-lo. Temporalmente, é marcado pelo tempo linear, mas também pelo tempo cíclico que remete à processos sociais agrários de outrora. Espacialmente, é centrado no limiar entre o campo e a cidade. Tal apreensão foi objetivada por este trabalho, possível apenas partindo da premissa de que o espaço possui três instâncias, a saber, social, física e mental. Desta sorte, valemo-nos do fecundo pensamento de Henri Lefebvre, o qual transpõe os limites disciplinares. A isto se deve o fato de que, neste artigo, vários campos do saber foram explorados, como a sociologia, a antropologia e a geografia. Ademais, os esforços recaíram, também, sobre as relações de trabalho no campo, geralmente marcadas pela superexploração dos trabalhadores temporários, comumente chamados de “bóias-frias”, da atividade canavieira. O artigo encontra-se fragmentado em dois momentos. No primeiro, tratamos de tempos e espaços no cotidiano dos “bóias-frias”. No momento seguinte, as discussões são direcionadas na apreensão das ruralidades e urbanidades a partir de uma antropologia dialética dos “bóias-frias”.

Palavras-chave: Ruralidades. Urbanidades. Tempos-Espaços. “Bóias-Frias”

Abstract

Permeated by rurality and urbanity, the routine of "temporary rural workers" is quite revealing to whom it proposes to investigate it. Temporally, is marked by linear time, but also by the cyclical time which refers to social processes of agrarian past. Spatially, it is centered on the threshold between country and city. This seizure was objectified by this work, possible only on the premise that space has three levels, namely, social, physical and mental. This sort, we make use of fruitful thinking of Henri Lefebvre, which spans disciplinary boundaries. To this must be the fact that, in this article, several fields of knowledge were explored, such as sociology, anthropology and geography. Moreover, efforts fell also on the labor relations field, usually marked by over-

exploitation of temporary workers, commonly called "temporary rural workers, the sugar cane cultivation. The article is broken into two parts. At first, we deal with time and space in the routine of "temporary rural workers." The next moment, the discussions are directed at the seizure of rural and urban anthropology from a dialectic of "temporary rural workers".

Keywords: Rurality. Urbanity. Space-time. "Temporary Rural Workers".

Résumé

Impregné par ruralité et urbainité, le quotidien des "travailleurs ruraux temporaire" est assez révélateur à qui il propose de les examiner. Temporellement, est marqué par le temps linéaire, mais aussi par le temps cyclique qui se réfère à des processus sociaux du passé agraire. Spatialement, elle est centrée sur le seuil entre les pays et la ville. Cette saisie a été objectivée par ce travail, n'est possible que sur la prémisse que l'espace a trois niveaux, à savoir, social, physique et mentale. Ce genre, nous nous servons de la pensée féconde de Henri Lefebvre, qui s'étend des frontières disciplinaires. Pour ce doit être le fait que, dans cet article, plusieurs domaines du savoir ont été explorées, comme la sociologie, l'anthropologie et la géographie. En outre, des efforts signalé aussi sur les relations de travail sur le terrain, généralement marqué par la surexploitation des travailleurs temporaires, communément appelés "travailleurs temporaires", en milieu rural, la culture de la canne à sucre. L'article est divisé en deux parties. Première, nous traitons avec le temps et l'espace dans le quotidien des "travailleurs ruraux temporaire". L'instant d'après, les discussions sont destinées à la saisie de l'anthropologie rurale et urbaine à partir d'une dialectique des "travailleurs ruraux temporaire".

Mots-clés: Ruralité. Urbanités. Espace-temps. "Travailleurs ruraux temporaire"

Introdução

No tempo, é desvelado o sentido do espaço e, no espaço, fica posto o sentido do tempo, da história. Um movimento dialético, em cujos interstícios encontra-se o cotidiano. A investigação das ruralidades e urbanidades no cotidiano dos "bóias-frias" de Goianésia¹, médio norte goiano, prescinde da necessidade de se apreender, além da reprodução da força de trabalho, a reprodução da vida. Numa temporalidade que é cíclica, o tempo hodierno, marcado pelo anacronismo das relações precárias de trabalho, deslinda a racionalidade do capital. Numa temporalidade ritmada, a do relógio, o urbano conforma a cotidianidade dos trabalhadores dando sustento à superexploração do

¹ Município localizado no Território Rural do Vale do São Patrício, mesorregião do centro goiano e microrregião de Ceres, popularmente conhecido como a *princesinha do Vale*. Fundado em 1953, dista 1681 Km de Goiânia (SEPLAN, 2007), capital de Goiás e ocupa, segundo dados da SEPLAN para o ano de 2002, uma área de 1.547,65 Km². Com uma população total de 56,839 habitantes (SEPLAN, 2009),

homem pelo capital. O urbano é força social de produção para o campo. A cidade, funcionalmente concebida, é marcada por um determinado nível de consumo, acesso a determinados bens, controle, disciplinamento.

Há, pode-se dizer, uma cidade que se instala para o campo. É ela, a representação do espaço, instância física. Nela, práticas espaciais, instância social, são elaboradas consoante espaços de representação, instância mental do espaço. Destarte, na cidade, “bóias-frias” vivenciam uma modernidade anômala, uma cidadania mutilada (ideologicamente forjada), sendo o exercício desta modernidade a prática espacial que resulta de espaços de representação (do que é moderno). Estes espaços de representação far-se-ão visíveis em representações funcionais do espaço, pelas quais o vivido é aniquilado, suprimido, ausentado. É assim que a cotidianidade se estabelece, subjugando o uso pela troca, o vivido pelo concebido, o habitar pelo habitat. Nos corpos, as marcas dessa dominação se manifestam, ademais, o movimento dos corpos deslinda um ritmo que é o da superexploração, materializada em centenas de golpes de podão.

Tempos e espaços no cotidiano dos “bóias-frias”

PROMETEU

Agitado

“Éter divino, ventos de asas lépidas
águas de tantos rios, riso imenso
das vagas múltiplas dos mares, Terra,
mãe de todos os seres, e tu, Sol
onividente olho, eu vos invoco!
Notais os males que eu, um deus, suporto,
mandados contra mim por outros deuses!
Vede as injúrias que hoje me aniquilam
e me farão sofrer de agora em diante
durante longos, incontáveis dias!
Eis os laços de infâmia, imaginados
para prender-me pelo novo rei
dos Bem-aventurados! Ai de mim!
Os sofrimentos que me esmagam hoje
e os muitos ainda por vir constringem-me
a soluçar. Depois das provações
verei brilhar enfim a liberdade?”

(Ésquilo)

Goianésia obteve, em 2010, uma produção de 1.161.000 t de cana-de-açúcar em uma área de 13.500 há

O tempo rítmico, linear, demarca a cotidianidade dos bóias-frias, tanto no processo de trabalho, pelos golpes do podão, quanto no modo de vida urbano, em suas atividades, desde as biológicas até as sociais. Portanto, não convivem, no trabalho do corte de cana, com um tempo assentado no primado da relação homem-natureza, mas no primado da técnica, da produção e do lucro, no qual a produção de mais-valia é o único intento da burguesia canavieira. Espacialmente, os canaviais se tratam tão somente do espaço geográfico do trabalho. Todavia, sócio e mentalmente, é a cidade, pela urbanidade que conforma, que demarca a cotidianidade dos “bóias-frias”. Num nível da meta-teoria, assim elucidada Limonad (1999, p. 81):

[...] as relações sociais de produção não se processam no vazio, mas em espaços determinados e assumem um caráter espacial; as relações espaciais de produção (horizontais) são vazias de significado sem relações sociais de produção (verticais) que as qualifiquem. Há que se perceber o caráter dialético destas relações onde uma pressupõe a outra, ambas dialeticamente inseparáveis interdependentes e contraditórias.

Acompanhando as argumentações de Limonad, tampouco as relações temporais de produção (horizontais) podem ser apreendidas em seu significado sem as relações sociais de produção (verticais) que as qualifiquem. Aqui, o caráter é também dialético. Basta compararmos a perspectiva temporal entre o sol/lua e o relógio como referências. Pois bem; Há imensa contradição entre isso e o fato de que o tempo rítmico demarca sua cotidianidade. A contradição, contudo, reside na própria essência do nosso método: o princípio da dialética. E mais, explica a gênese do pensamento lefebvriano a partir de sua teoria das representações. O tempo do sol ou da lua é, por sua vez, o tempo vivido, porquanto oposto ao tempo mediado pelo relógio cuja importância reside no movimento de acumulação, ampliação e reprodução do capital. O tempo vivido se estabelece pelas necessidades intrínsecas ao homem, como as físicas e biológicas. Poderíamos dizer que seu primado é a relação homem-natureza.

Por outro lado, o tempo concebido apresenta-se num objeto por excelência, o relógio, cuja cadência opõe-se ao ritmo natural da dinâmica do vivido. É, pois, um tempo da representação. Seria uma simbiose entre meio natural e meio técnico nessa cotidianidade? Provavelmente. Todavia, não podemos negar que a primeira se submete à segunda na medida em que o sol é, agora, somente representação imersa na

(SEPLAN, 2010).

linguagem. É o relógio que convoca homens e mulheres para a labuta cotidiana. As representações, por seu turno, encarregam-se dessas fissuras. A isso Lefebvre define como a presença da ausência. Segundo Lefebvre (2006, p. 24):

Esta separação distancia o pensamento do ser, coisa que dificulta a definição do verdadeiro e do falso. Isso foi o que perceberam alguns pré-socráticos. Esta distância também separa a mediação da imediação (Hegel) – o sujeito do objeto (linha cartesiana apesar dos esforços de Descartes) – a vida espontânea da vida reflexiva, o humano da animalidade, a linguagem do real, o espírito do corpo, o desejo da coisa, o consciente do inconsciente (escola freudiana), etc.²

A separação a que se refere Lefebvre impede o exercício do possível, a superação das condições, o que fica posto pelo cotidiano dos “bóias-frias”. Não apenas desses trabalhadores, diga-se de passagem, mas do homem no mundo moderno. Essa mesma separação inviabiliza a apreensão do descompasso que há entre tempo e espaço a partir do cotidiano, possível apenas se partimos do conceito re-produção das relações sociais, portanto re-produção física e social. Noutros termos, a apreensão do tempo requer sua ruptura da redoma que o envolve e que o determina, o espaço. Filosoficamente, para Lefebvre, essa ruptura significou uma revolução no conhecimento, inaugurada pelo hegelianismo e pelo marxismo, não obstante há quem queira vinculá-la a Kant ou ao kantismo. De qualquer modo, a irrupção do tempo sobre o espaço, no que diz respeito ao conhecimento, estabeleceu o primado do *vir-a-ser* histórico, o que nos permite amalgamar à história a práxis exercida na cotidianidade. Começemos pelas contradições.

Muitas são as contradições que permeiam a cotidianidade dos trabalhadores da cana, afinal, é anômala a modernidade com a qual convivem. José de Souza Martins ao discuti-la buscou, nas peculiaridades do cotidiano, elementos dessa constatação. No cotidiano dos “bóias-frias” a encontramos tanto em suas casas, quanto no trabalho. Nas casas, antenas parabólicas contrastam com a baixa escolaridade dos moradores, assim como o que é transmitido pelos televisores e a forma como as informações são recebidas. Uma modernidade reservada às representações e a mistificação da consciência, posto que impeditiva da superação das condições que permitem à re-

2 Trad. do autor: “*Esta separación distancia el pensamiento del ser, cosa que dificulta la definición de lo verdadero y lo falso. Eso fue lo que percibieron algunos presocráticos. Esta distancia también separa la mediación de la inmediatez (Hegel) – el sujeto del objeto (línea cartesiana a pesar de los esfuerzos de Descartes) – la vida espontánea de la vida reflexiva, lo humano de la animalidad, el lenguaje de lo real, el espíritu del cuerpo, el deseo de la cosa, el consciente del inconsciente (escuela freudiana), etc.*”

produção das relações de produção. Modernidade que contesta a *ideologia do urbano*. Nas palavras de Barrios (1986, p. 18), esta consiste em:

Explicar a situação deficitária e anárquica dos conglomerados humanos como produto de um processo de desenvolvimento tecnológico insuficiente, cuja passagem para estágios mais avançados de sua evolução significará a eliminação dos desequilíbrios que ele vem gerando.

Modernidade que, no campo, introduz alta tecnologia, mas não impede a acumulação primitiva do capital com o uso do trabalho análogo à escravidão. Quanto ao trabalho escravo, a contragosto das análises dogmáticas de alguns autores marxistas, Martins (2009) empreendeu uma análise bastante elucidativa, refletindo a manutenção de relações de produção não capitalistas a partir do desencontro de tempos históricos.

No que consiste o processo de acumulação primitiva de capital, Martins nos relegou um estudo clássico sobre o cativo da terra. Buscamos, nesse estudo, base para explicação de parte daquilo que buscamos compreender. O bóia-fria herdou, sociologicamente, os desígnios de um período escravocrata. Partimos do mesmo pressuposto pelo qual Martins (1981, p. 19) levantou sua hipótese:

[...] a de que o capitalismo, na sua expansão, não só redefine antigas relações, subordinando-as à reprodução do capital, mas também engendra relações não-capitalistas igual e contraditoriamente necessárias a essa reprodução.

Anos após, noutra obra, Martins (2002, p. 154) reafirma sua hipótese ao ressaltar a importância do trabalho escravo para a manutenção do lucro no modo de produção capitalista: “[...] são claras as evidências de que o revigoramento e a manutenção do trabalho escravo estão integrados na própria lógica essencial de funcionamento do sistema econômico moderno e atual”. Na obra *O cativo da terra*, Martins remete, pois, a um espaço – o cativo – ainda que não necessariamente o espaço físico, geográfico, embora o espaço social, por meio dele, se materialize.

Ao mesmo tempo, Martins buscou nas temporalidades, nos processos datados, portanto o segundo momento do método regressivo-progressivo de Henri Lefebvre, fundamentação para suas inferências. Martins (1981, p. 18) afirmou: “[...] o que me proponho a fazer é analisar o processo de constituição da força de trabalho e das relações de produção que se definiu com a crise do escravismo no final do século XIX.” De certo modo, é o que propomos analisar quanto ao emprego da força de trabalho dos “bóias-frias”, tanto sua constituição quanto as relações de produção que encetou.

Não podemos negar, contudo, que hoje nos deparamos com problemas ainda mais complexos, a começar pela noção de representações que mediam o cotidiano de homens e mulheres. Ao aprofundarmos nessa compreensão, realizamos um processo de negação, ou melhor, de desconstrução de boa parte daquilo que expusemos e apontamos para outra natureza da vida moderna. Estamos, aqui, aludindo aos postulados lefebvrianos (1976) de um mundo moderno, a um só tempo, hegeliano, marxista e nietzscheano. Pensar as representações é a tentativa de superação do reino das sombras. Uma crítica à filosofia; O entendimento da relação social como processo, práxis.

Esse exercício filosófico não é simples. A impossibilidade da plena apreensão teórica e empírica o prova quando, desprovidos de elementos suficientes, temos nossas apreensões retidas a conceitos isolados ou fatos pouco alusivos. Indiscutivelmente, o trabalho de campo atesta a afirmação de Henri Lefebvre (1983) acerca do movimento do conhecimento. Por isso, estamos convencidos de que, mais que descrever os resultados da pesquisa, a descrição do próprio processo de pesquisa nos conduz a um campo no qual os conceitos e categorias trabalhados tornam-se mais claros. Mais que isso, percebemos, sentimos, vivenciamos nosso método, “arma social”, como elucidou Sartre (1966). Este salto do exercício filosófico para a empiria se estabelece no momento em que temos consciência de que um determinado arranjo de conceitos e categorias conformam um produto intelectual que pode, por um lado, balizar os interesses do capital e, por outro, o qual optamos, deslindar os processos de exploração-dominação dos trabalhadores, evidenciando, portanto, que o conhecimento não é neutro, como não são os resultados obtidos a partir de seu uso. Desta sorte, empiria e teoria não são indissociáveis, o que tomamos nota ao promover um discurso científico que almeja apresentar a fala da vítima.

Sobre o trabalho de campo, ainda que informalmente, pudemos observar atentamente o processo de trabalho que envolve o corte de cana. Nossa apreensão do tempo, nesse sentido, não se limita ao tempo de trabalho, mas comporta o tempo no nível do cotidiano, o que absorve aquele. Trabalhamos, destarte, com o tempo vivido, a festa, o tempo das possibilidades de ruptura com o tédio, bem como com o tempo do trabalho que mantém ligação, inclusive, com tempos outros que não necessariamente aquele pelo qual é extraída a mais-valia da força de trabalho. No Jardim Esperança³,

3 Bairro periférico do município de Goianésia, habitado predominantemente por “bóias-frias”.

quando é tímido o raiar do sol, “bóias-frias” deixam suas casas em direção às esquinas onde esperam silenciosos pelos ônibus (Foto 1). As mesmas esquinas que, ansiosos, aguardam por chegar durante o tempo destinado a labuta nos eitos⁴ dos canaviais, onde trabalham exaustivamente, cortando oito, nove, dez ou mais toneladas de cana.



Foto 1 – Tempo e trabalho I: Ritmos urbanos
(Foto do Autor, 2009)

Reduzir a análise do tempo na vida cotidiana dos “bóias-frias” ao tempo linear significa empobrecê-la. É preciso, pois, partir da premissa de que o tempo cíclico envolve o tempo linear. Por isso mesmo, declaramos que se o leitor busca, aqui, uma abordagem do cotidiano enquanto nível secundário, ou seja, representação do tempo no qual os acontecimentos se repetem, terá suas expectativas frustradas. O cotidiano é, para nós, um nível intermediário e mediador. Não é invólucro da história, é história em si mesmo. Segundo Lefebvre (1961, p. 53):

O tempo cíclico não exclui o ato repetitivo. O ciclo é ele mesmo uma repetição. Portanto, no tempo cíclico, a repetição se subordina a um ritmo

4 Os eitos são fileiras de cana-de-açúcar nas quais os trabalhadores realizam o corte, podendo ser agrupadas em 3, 5 ou 7 fileiras.

orgânico mais amplo. Assim, na marcha, o ritmo do corpo, mais total, submete às suas leis os gestos das pernas e dos braços⁵.

O cotidiano, não resta dúvidas, no modo como o toma Henri Lefebvre permite o alcance da exploração-dominação dos “bóias-frias” na maior amplitude possível. Quais são os espaços dos “bóias-frias”? A cidade, o bairro e a casa com uma gama de objetos que ela reserva. Os canaviais, onde despendem a força de trabalho, é também um dos espaços que demarcam a cotidianidade dos “bóias-frias”. (Foto 2).



Foto 2 – Tempo e Trabalho II: Rítmicos rurais
(Foto do Autor, 2009)

O relógio, a TV, a máquina de lavar, como apontamos, compõem o cotidiano dos “bóias-frias”. Contribuindo ou não para a reprodução da força de trabalho, muitos desses objetos permeiam o vivido desses trabalhadores, instaurando a alienação do mundo das coisas. “*Na cotidianidade, as alienações, os fetichismos, as reificações (aquelas vindas do dinheiro e da mercadoria) produzem todos seus efeitos.*”⁶ (LEFEBVRE, 1961, p. 71). Definitivamente, não há uma cultura do bóia-fria que se

5 Trad. do autor: “*Le temps cyclique n’exclut pas l’acte répétitif. Le cycle est lui-même une répétition. Pourtant, dans le temps cyclique, la répétition se subordonne à un rythme du corps, plus total, soumis à ses lois les gestes des jambes et des bras.*”

6 Trad. do autor: “*Dans la quotidienneté, les aliénations, les fétichismes, les réifications (celles venant de l’argent et de la marchandise) produisent tous leurs effets.*”

assemelhe seja a cultura do camponês ou a alguma outra cultura do homem do campo. Tratamos, por ora, de cultura pela multiplicidade de questões que enceta: vida pública, vida privada, família, condição feminina e várias outras. Ao mesmo tempo pelo fato de que o cotidiano está relacionado a uma antropologia dialética que, por seu turno, conforme Lefebvre (1961, p. 100):

[...] não exclui a cultura, mas não põe a natureza entre parêntesis em nome da cultura (o que constitui um culturalismo). Ela estuda a relação conflitual natureza-cultura e particularmente ao nível onde ela se manifesta: na cotidianidade.⁷

Pensaremos essa relação conflitual a partir de um conceito caro a Lefebvre (1969), o de *sociedade burocrática de consumo dirigido* aliado ao de sistema natural e sistema técnico, bem trabalhados pela sociologia rural francesa e pelo professor Milton Santos. Acreditamos que se há uma cultura do trabalhador bóia-fria, essa cultura é a do homem urbano, alienado, reificado pelo que a técnica, a mercadoria e o dinheiro dispõem, amalgamada a uma cultura da subalternidade, do desprivilegio, do homem de reduzidas alternativas, produto cultural de um país que conviveu por séculos com a escravidão e cujos anacronismos figuram, eminentemente no plano simbólico, na contemporaneidade. De partida, um importante apontamento de Maria Isaura Pereira de Queiroz nos conduz à reflexão a respeito da cultura e sua relação com o trabalho e com os meios urbanos e rurais. Segundo Queiroz (1969, p. 25):

Se admitirmos que cultura ou civilização se formam a partir da maneira pela qual se organiza o trabalho humano, na organização do trabalho agrário pesarão sempre os fatores naturais, distinguindo-o do trabalho não-agrário.

Há total coerência entre a afirmação da autora e a sustentação teórica que buscamos a partir do pensamento de Lefebvre. Todavia, pela atual conjuntura, pensando a relação conjuntura-estrutura posta por Lefebvre, caberia uma reformulação dessa assertiva tendo em vista que a organização do trabalho humano passa, hodiernamente, pela questão da moradia. Por isso, a cidade é para nós, mais que espaço de morada, é espaço pelo qual se materializa uma etapa do processo de re-produção das relações de produção do campo. Certamente, no que tange a cultura dos “bóias-frias”, o peso maior trata-se daquele que se refere à técnica, o que significa que o trabalho deve ser apreendido *pari passu* demais dimensões da vida.

⁷ Trad. do autor: “*n’exclut pas la culture mais ne met pas la nature entre parenthèses au nom de la culture (ce qui constitue un culturalisme). Elle étudie la rapport conflictuel nature-culture, et particulièrement au niveau où il se manifeste: dans la quotidienneté.*”

É óbvio, não podemos negá-lo, que o cotidiano dos “bóias-frias” é carregado de tensões, sendo que muitas delas estão incrustadas na contradição que emana da relação entre a organização do trabalho e as exigências de um modo de vida urbano. Ainda assim, no espaço da cana busca-se uma organização do trabalho em cumprimento a diversas normas. Somada à rigorosa fiscalização, há toda uma composição de etapas que devem ser cumpridas no processo de trabalho, como os eitos que são destinados ao corte, os tipos de cana, os momentos destinados ao cálculo do rendimento, além dos próprios horários estabelecidos para cada tarefa; Nada que se compare a organização do trabalho camponês. Se bem pensarmos, o próprio uso do podão não deixa de ser uma técnica. Pensando a técnica como expõe Santos (2008, p. 54):

“[...] um traço de união, historicamente e epistemologicamente. As técnicas, de um lado, dão-nos a possibilidade de empiricização do tempo e, de outro lado, a possibilidade de uma qualificação precisa da materialidade sobre a qual as sociedades humanas trabalham.”

Na qualificação feita por Santos, a técnica se trata de um elemento fundamental para se pensar a cotidianidade, na medida em que nos revela como a sociedade se constitui naquele momento, o que media a relação social, uma vez que é pela técnica que a práxis (repetitiva) se materializa. O podão, nesse sentido, descortina a condição do trabalhador “bóia-fria”, o trabalho por peça, manual, ritmado pelo golpe preciso e intermitente. A ferramenta, instrumento da técnica, já que a técnica é o conhecimento em si e não necessariamente produto do desenvolvimento tecnológico, nos revela o processo de trabalho e, por conseguinte, as condições imediatas de subsunção humana ao capital no processo de valorização desse capital. A antropologia dialética, da qual tratamos conceitualmente está intrinsecamente relacionada à técnica. No conflito natureza-cultura, a técnica entra como elemento mediador, de tal sorte que o domínio de determinada técnica e o seu respectivo uso no processo de alteração da natureza está correlacionado a certa cultura, o que não significa que é a cultura que explica a técnica, mas o contrário.

Ruralidades e urbanidades: uma antropologia dialética do “bóia-fria”

Antropologicamente, numa perspectiva dialética, o trabalhador “bóia-fria”, por trabalhar por peça, produzir pela diária, em condições imediatistas de composição salarial, racionalizada, não possui concepção idêntica da natureza àquela do camponês.

Antropologicamente, suas condições materiais de vida, o escasso, a escassez, redundam no seu comportamento pragmático de obtenção de meios de sobrevivência. Sua técnica, mediada pelo podão, portanto por um objeto, requer um conjunto de ações que transpõem as limitações humanas. Contudo, devemos ir além dessa constatação. Santos (2008, p. 128) nos diz que:

“[...] a cada nova divisão do trabalho, a cada nova transformação social, há, paralelamente, para os fabricantes de significados, uma exigência de renovação das ideologias e dos universos simbólicos, ao mesmo tempo em que, aos outros, tornam-se possíveis o entendimento do processo e a busca de um sentido.”

Por isso, apenas a Sociologia rural não fornece os elementos que se exige para a compreensão. É certo que a técnica não invade todo o meio rural e concordamos com Queiroz (1969, p. 23) quando afirma que “[...] a cultura intelectual, o ‘modernismo’, a abertura às inovações, o cosmopolitismo, não estão forçosa e unicamente associados a comportamentos como eficiência e capacidade de racionalização.” Ela tira essa conclusão daquilo que deu base para o que Martins (2008) definiu como modernidade anômala⁸. Essa modernidade, na verdade, não se instaurou plenamente no cotidiano de muitos brasileiros. Ela deve ser capturada na apreensão da cotidianidade e, nesse sentido, uma Sociologia Rural ou uma Sociologia Urbana não dão conta da complexidade que é a emergência de um modo de vida atrelado ora ao campo ora à cidade. Pensamos que a Sociologia da Vida Cotidiana coloca um ponto nessa questão. Não no sentido de encerrá-la, mas de oferecer conceitos para sua apreensão. Discutimos, aqui, além de uma questão que é ao mesmo tempo rural e urbana, uma Sociologia da Sociologia Rural e Urbana. Ou seja, discutimos como fazer sociologia rural e sociologia urbana. Para tanto, remetemos, pois, a Martins (2002, p. 220) no elucidar dessa questão:

Por muito tempo e para muitos, a sociologia rural foi mais uma sociologia da ocupação agrícola e da produtividade do que uma sociologia propriamente rural. Mais uma sociologia das perturbações do agrícola pelo rural do que uma sociologia de um modo de ser e de um modo de viver mediados por uma maneira singular de inserção nos processos sociais e no processo histórico.

8 Em certa pesquisa realizada no município de Jucituba, orientada nos moldes antropológicos, Maria Isaura Pereira de Queiroz descobriu que o único agricultor que possuía um trator naquela localidade não o utilizava no trabalho da terra, até mesmo porque o terreno de sua fazenda era montanhoso e cheio de pedras. Esse agricultor utilizava o trator para pavonear-se ao passear com a família nos finais de semana. Segundo a autora (1969, p. 23): “A conclusão que se pode chegar, pela análise de um dado como este, é que no Brasil muitas vezes a adoção de novas práticas e de novas atitudes se liga à aquisição de prestígio dentro da comunidade, e não à racionalização da produção [...]”

Retomamos o conceito lefebvriano de antropologia dialética, dada sua manifestação na cotidianidade. Porque retomá-lo? Para mostrar que ele é totalizante e que, por isso, abarca o que vislumbramos apreender e compreender. Uma sociologia rural obviamente que deve ser preservada, principalmente naquele molde conferido por sociólogos como José de Souza Martins e Maria Isaura Pereira de Queiroz. Apenas concluímos, sendo que o próprio esforço de pesquisa encarregou de torná-la explícita, que uma crítica das contradições na vida cotidiana dos “bóias-frias” exigia um esforço de pensar, diferencialmente, o espaço-tempo. Esse esforço é dialético, repousa-se no terreno das possibilidades. Não se materializa, em termos teóricos, nem pela Sociologia rural e nem pela Sociologia Urbana, mas pelo amalgamar entre ambas, numa nova composição conceitual e categorial. Sociólogo rural, Henri Mendras (1969, p. 43) assim interpretou a mesma dificuldade com a qual nos deparamos e que somente a crítica da vida cotidiana e a apreensão do espaço para além de mercadoria e arena dos conflitos puderam dissipá-la:

[...] a passagem do ‘meio’ rural ao ‘meio’ urbano faz-se insensivelmente numa zona marginal que se desloca continuamente. Convirá então, para cada região, estudar *in situ* esse fenômeno e nós veremos que os critérios de análise e os tipos intermediários não estão ainda definidos de maneira satisfatória.

No estudo de que ora nos ocupamos, não é válido, contudo, apenas a compreensão da passagem do “meio” rural ao “meio” urbano, mas a apreensão de como o capitalismo se reproduz a partir do imbricado, porém conflituoso convívio entre os meios. O capitalismo aproveita-se do tempo cíclico e toma para si produtos históricos nos quais é possível seu constante e dinâmico movimento de ampliação e acumulação. Dentre esses produtos é merecido o destaque para a cidade. Do tempo linear, nela instaurado, é permitida a ruptura pela via das possibilidades. Entretanto, essa ruptura exige o retorno à dialética pelos meandros da história no seu sentido lato. Destarte, o cotidiano, revelado tempo-espacialmente, é apreendido pelo decurso de um vivido conceituado, a despeito de um conceito sem vida que não põe em terra as representações cotidianas e torna ainda mais enigmático o reino das sombras.

A cidade, enfim, emerge como sujeito da história. (LEFEBVRE, 1972). Nela, materializa-se a re-produção das relações de produção, pelo/no tempo, pelo/no espaço. *“A cidade e a realidade urbana seriam, nesta hipótese, o lugar por excelência e o*

conjunto dos lugares onde se desenrolam os ciclos da re-produção, mais amplos e mais complexos do que os da produção, neles inscritos.” (LEFEBVRE, 1972, p. 164). Na esteira dessa compreensão, afirma Carlos (2004, p. 7): “*A questão do saber onde se formulam os problemas da produção da existência humana, Lefebvre responde no cotidiano. Mas é no urbano que o cotidiano se instala, ele completa.*”⁹

O projeto do capital no seio do espaço deve, então, ser refletido no nível da cotidianidade, já que cada período da história produz e se reproduz a partir de um novo sentido do espaço, concebido, percebido e vivido conforme as condições materiais nele existentes. “*A ocultação do espaço, no período moderno, está relacionada a que o tempo parece portador de toda a potencialidade de transformação ‘para o bem’. Tempo privado de sentido porque não tem concretude histórica e social.*” (RODRIGUES, 1996, p. 5). O sentido do espaço no mundo contemporâneo é o urbano. Sua conformação, a cidade, é fundamental na irradiação de espaços de representação, o que se dá pelo consumo de mercadorias, signos, sinais e símbolos impregnados numa multiplicidade de *gadgets*. “*O consumo dos signos da tecnicidade – sempre igual a si mesmo – faz parte das ilusões dos signos e do consumo.*” (LEFEBVRE, 1969). A apreensão do fenômeno urbano toma possibilidade quando a cotidianidade é eleita como nível temporal de análise. Ora, assim como é no cotidiano que as contradições do capital se fazem percebidas no espaço, também é no cotidiano que irrompem as manifestações, ainda que na maioria das vezes ignoradas, de situações embebidas pelo *diferencial*, fundadas no uso do espaço, firmadas no lugar.

Pelo/no tempo, numa dualidade que, entendemos, descortina suas principais dimensões: o tempo concebido, o percebido e o vivido. Do ponto de vista do tempo concebido, remetemos a um sistema de objetos que, vinculado a um sistema de ações, imprime uma cotidianidade “racional” segundo os desígnios do capital, da qual o campo não está imune. É o tempo do trabalho, do castigo de Prometeu que tinha seu fígado incessantemente devorado por uma águia e cujo destino não lhe concedia a morte. (Ésquilo, 2004). Do ponto de vista do tempo percebido e vivido, remetemos ao gozo, ao prazer dionisíaco da festa, cotidianizado nos bares, por exemplo. No que diz respeito ao

9 Trad. do autor: “*À la question de savoir où se formulent les problèmes de la production de l'existence humaine, c'est à dire, l'existence sociale des êtres humains, Lefebvre répond: dans le quotidien. Mais c'est dans l'urbain que le quotidien s'installe, il complète.*”

castigo do tempo de trabalho, são preciosas as seguintes pontuações de Santos (2008, p. 305):

Nesse mundo rural assim domesticado, implanta-se um império do tempo medido, em que novas regularidades são buscadas. Muitas delas só se tornam possíveis quando tem êxito a vontade de se subtrair as leis naturais. O respeito tradicional às condições naturais (solo, água, isolamento etc.) cede lugar, em proporções diversas, segundo os produtos e as regiões, a um novo calendário agrícola baseado na ciência, na técnica e no conhecimento.

O castigo a que aludimos provém do tempo de trabalho, mas dissemina-se no cotidiano pelo tempo social. Esse tempo racional, tecnificado alcança todo corpo social. Parafraseando Santos (2008), esse tempo cria novos modelos de ação e novas sociabilidades. Acompanhando o pensamento desse autor, a natureza desse tempo está intimamente relacionada ao processo de urbanização. Ela cristaliza-se no cotidiano, desde o uso dos aparelhos domésticos até o próprio campo, outrora arcaico e atrasado. Nessa perspectiva analítica, é fundamental o conceito de *meio técnico-científico-informacional* apontado e bem delineado teoricamente por Milton Santos. A principal contribuição desse conceito está na sua capacidade de integração das ordens próxima e distante anunciadas por Lefebvre. É um conceito que, a despeito da nomeação de fenômenos, insere-se numa metageografia e que, indiscutivelmente, muito tem a contribuir com a Sociologia no sentido da apreensão das relações sociais e sua relação com as técnicas, a ciência e a informação imprimidas no espaço.

Ancorada num sistema de ações, as sociabilidades alteram-se vertiginosamente. A racionalidade nelas impregnada cumpre as finalidades do capital, ao tempo que despojam os indivíduos de sua criatividade, do desfrute do prazer na cotidianidade, enfim, do vivido em sua totalidade. É isso o que nos importa e não apenas a afirmação de que os trabalhadores “bóias-frias” são brutal e forçosamente submetidos à degradação física e psicológica. Semanticamente, o próprio termo “bóia-fria” é extremamente revelador, visto que qualifica o trabalhador não pelo processo de trabalho em si, mas por algo que está além: a re-produção das relações de produção, na qual está inclusa a reprodução da força de trabalho. É, assim, pela comida, pela alimentação cotidiana que identificamos o trabalhador temporário da atividade canavieira.

Numa compreensão dialética, a re-produção das relações engloba a produção em sentido *scritu*. Sendo o trabalho uma mercadoria que escapa ao mundo da mercadoria, ou antes, o tempo de trabalho (LEFEBVRE, 1972), resta, destarte, uma brecha. Esta

brecha em muito nos interessa, significa o tempo livre do trabalhador no qual se encontram as contradições entre o valor de uso e o valor de troca. É certo que o capital, cujo poder de disseminação induz até a um falso conhecimento de nossa própria realidade, domina vários níveis da vida. Todavia, resiste no nível do cotidiano uma práxis que não é àquela repetitiva do trabalho, mas uma práxis pela qual não podemos apagar a ação dos sujeitos, como o fez Althusser. O entendimento dessa práxis é a apreensão da relação social como processo. Gramsci assim interpretou o modo de vida da população americana quando do advento do fordismo.

Esse autor mostrou a voracidade do capitalista, naquele momento, em busca do lucro, fiscalizando o comportamento dos trabalhadores, forjando as bases para o modelamento de homens a fim de que se tornassem plenamente aptos ao trabalho. O cotidiano foi, naquele instante, fundamental para a operacionalização do capital. Por isso, cotidiano é história, e temos essa percepção quando bem apreendemos o sentido que Lefebvre confere à antropologia dialética. Gramsci (2001) poderia muito bem, em Americanismo e fordismo, ter apontado, num sobrevôo, do que se tratou o fordismo, basilar para a reprodução do capitalismo. Mas não o fez, foi mais longe, aterrissou, e elucidou, a partir da cotidianidade, como as bases da reprodução do capital instauram-se no vivido e desobstruem as barreiras que emergem das relações sociais, encetando novos comportamentos, organizações familiares específicas, determinadas crenças, enfim, uma cultura operária sem a qual o capital dificilmente se reproduz.

Propomo-nos pensar, nessa acepção, o tempo livre do "bóia-fria". A maioria dos trabalhadores que entrevistamos nos disse que praticamente não há tempo para o lazer. Questionado sobre esse tempo, o Sr. Geraldo¹⁰, 48 anos, natural de Ceres, Goiás, nos respondeu: "*É só trabalha porque num dá tempo de nada. É trabalhar e o tempinho que dá descansa.*" (Entrevista com Sr. Geraldo). Acontece que mesmo o tempo de descanso inexistente em determinados casos, como nos informaram duas mulheres "bóias-frias": Sr.^a Margarida, 29 anos, natural de Pirenópolis, Goiás, e a "vovó Francisca", respectivamente:

"No final de semana tenho que cuidar de casa e dos filhos que passo muito pouco tempo com eles. O mais que eu passo com eles só fim de semana e igreja".

10 Todos os nomes citados neste artigo são fictícios a fim de se preservar o anonimato dos sujeitos da pesquisa.

(Entrevista com Margarida). “*Nada, ultimamente é trabalhar em casa. É lavar roupa, arrumar casa, dá faxina em casa.*” (Entrevista com “Vovó Francisca”).

Àqueles que desfrutam do lazer o associaram a bebida quando nos descreviam seus cotidianos. Na re-produção das relações sociais os botecos, ao passo que permitem o encontro, a troca de conversas entre esses trabalhadores, contrariam os interesses do capital. A Sr.^a Marlene, jovem “bóia-fria” de 25 anos, natural de Goianésia, Goiás, nos relatou sobre um ano, segundo ela “perdido”, em decorrência da bebida. Nas palavras da Sr.^a Marlene: “*Agora esse ano eu tô mais determinada, não tô bebendo como bebia ano passado. Esse ano eu quero, como se diz, superar o outro ano que eu fiquei perdida né, prá trás.*” (Entrevista com Sr.^a Marlene).

É interessante a seguinte observação: a Sr.^a Marlene, ao nos falar sobre seu lazer e a “cervejinha” nos finais de semana, sorria bastante e demonstrava serem àqueles momentos de bastante alegria. Contudo, ao tratar do seu desempenho no corte de cana durante o ano antecedente, remetia à bebida o fato da sua “fraca” produtividade. Essa contradição, entretanto, não reside tão somente na oposição bebida x trabalho, mas num sentido profano da primeira e sagrado do segundo. Efetivamente, o trabalho quando contraposto ao prazer é vinculado a um sentido moral da vida em sociedade, Émile Durkheim (1999) o mostrara. De qualquer modo, essa acepção do trabalho assenta-se em representações sociais que conformam as condições gerais de produção. Concordamos, pois, com Florestan Fernandes (1980, p. 61) em sua assertiva de que:

Todos os recursos institucionais e dinâmicos necessários á preservação, fortalecimento e reprodução da ordem burguesa devem ser descobertos pelos cientistas sociais – o sociólogo profissional inclusive –, o que encadeia o capitalismo monopolista a revoluções técnicas e institucionais destituídas de potencial político para a transformação revolucionária do mundo.

Os recursos institucionais e dinâmicos de que nos fala Fernandes estão por toda parte, povoam nosso cotidiano por meio das representações. Utilizam de formas para revestirem seus conteúdos e, ao mesmo tempo, requerem uma lógica formal para sua compreensão, uma lógica que substitui o conhecimento do valor pelo dinheiro, do trabalho enquanto mercadoria pelo trabalho como direito, do espaço do/no conflito de classes pelo espaço dos acontecimentos. Numa operação de transdução, estrutura, função e forma não são consideradas isoladamente. Considerá-los assim seria, segundo Lefebvre (1975, p. 150): “*ideologia, quer dizer, sistema dogmático de significações:*

estruturalismo, formalismo ou funcionalismo”¹¹. A reificação domina a vida cotidiana que se encarrega de “produzir” uma condição humana para tanto. Rompê-la é preciso; bradou Nietzsche.

No cotidiano dos “bóias-frias”, no tempo do castigo do trabalho, essa condição humana própria está moldada no trabalhador responsável, assíduo, como a “vovó” Francisca, que nos disse o seguinte sobre sua fama como “boa cortadora” de cana:

“Eu sou uma pessoa constante, num sou uma pessoa faiadeira. Todos os dias tô no serviço graças a Deus. E se chegar um dia faltá, por exemplo, o dia que eu vou no médico, ta estranho, todo mundo sente falta, porque? Porque num é costume de faltar. Eles senti falta quando a pessoa é constante no serviço, todo mundo senti falta. Agora quando a pessoa é faiadeira ninguém liga praquilo não, já é costume né.” (Entrevista com “Vovó Francisca”).

O processo de elaboração, o qual Silva (1999) denomina de *formatação* desse trabalhador “bom cortador” de cana não significa, no entanto, o aniquilamento de sua consciência das condições degradantes de seu trabalho. Como pontuamos noutro momento, seria ingênua essa suposição. Homens e mulheres reconhecem a condição de explorados e, em alguns casos, de dominação que os aprisiona. E mais, sempre reportam à mecanização como sério problema para a atividade. Para o Sr. Pedro, 57 anos:

“Esse trabalho é o seguinte, a gente trabalho porque não tem outra opção né. Então a gente é obrigado né. [...] Antes da mecanização era mais fácil. A gente cortava mais cana, pegava umas cana melhor. Que a cana melhor agora é a máquina que corta”. (Entrevista com Sr. Pedro).

Segundo a Sr.^a Nair:

“Cortar cana é muito cansativo. Só porque é melhor que trabalhar de doméstica. É um meio de vida num tem como impedir. [...] A mecanização vai trazer mais desemprego, porque nem todo mundo tem estudo e essas máquinas também num vai dar emprego pra todo mundo. Aí quer dizer, vai ter mais desemprego do que já tem.” (Entrevista com a Sr.^a Nair).

Ainda sobre essa questão, o Sr. Carlos nos disse:

“O corte de cana é muita ilusão, muito trabalho, acho muito forçado, muito cansativo. [...] A máquina atrapalha muito, pra nós foi um grande prejuízo. Pra eles

11 Trad. do autor: “ideologia, es decir, sistema dogmático de significaciones: estructuralismo,

pode ser um bom lucro, mas pra nós trabalhador foi um grande prejuízo.” (Entrevista com a Sr. Carlos).

Sr. Marcos, jovem cortador de cana de 24 anos, natural de Goianésia, Goiás, nos informou que àquela seria sua última safra e que estava disposto a sair do corte de cana. Nas suas palavras: *“Só penso só assim em fazer mais uma safra e parar. É muito desgaste físico certo, aí vai chegando uma situação que não guenta passar de duas safras. [...] Eu tava com 80 kg fui pra 74 kg.”* (Entrevista com o Sr. Marcos). Assim como esse trabalhador, obtivemos vários relatos de perda de peso em decorrência da atividade do corte de cana. No que tange, de modo geral, a condição do trabalhador “bóia-fria”, é atual a descrição de Ferrante (1994, p. 97):

Seu despertar nas madrugadas, a parca marmitta fria, a insegurança de seu recrutamento, o desemprego da entressafra, a longa jornada, o desgaste físico do processo de trabalho e o encarecimento dos custos urbanos de reprodução social são elementos que passam a ser apontados como marcas constitutivas da categoria.

Durante a execução das entrevistas, questionamos os trabalhadores acerca do que pensavam sobre o sindicato. A maioria se posicionou de forma crítica, mencionando que *“o sindicato não serve pra nada”* ou que *“só lembra da gente em época de eleição”*. Contrário a estas afirmações, o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Goianésia nos afirmou que a maior parte dos trabalhadores tem uma avaliação positiva dessa instituição. Contudo, relatou que a maior dificuldade enfrentada nos embates com o patronato local é o fato de este exercer o poder político no município. Segundo o presidente do sindicato, isso asseguraria muitas regalias ao patronato. Nos informou, ainda, que a principal luta do sindicato é a manutenção de muitos trabalhadores em seus empregos, uma vez que a mecanização tem gerado desemprego, assim como a condição de instabilidade dada a idade considerada avançada de muitos trabalhadores para o corte de cana. No tocante a essa questão, Freitas (2006, p. 129) menciona que:

Pelas condições em que se desenvolve, pelas possibilidades efetivas de sua substituição por máquinas capazes de realizá-lo — independente da maior ou menor produtividade —, este é, seguramente um dos trabalhos que deveriam ser extintos o mais rapidamente possível. A humanidade só teria a agradecer. Obviamente, existe uma implicação social com relação aos milhares e milhares de trabalhadores que ficariam desempregados. Não se trata de algo a ser enfrentado apenas com retórica. O estabelecimento de políticas públicas direcionadas à realocação desses trabalhadores é uma necessidade imperiosa.

formalismo, o funcionalismo.”

Além das relações de trabalho, estamos convencidos de que marcas outras constituem a condição dos “bóias-frias”, o que nos encaminha para uma perspectiva de pensamento que nem se isola no âmbito do micros social, numa visão estreita e nem se perde diante do macros social numa visão que ao tentar absorver o todo não apreende nada. Assim, podemos pensar o cotidiano dos “bóias-frias”, categoricamente, pelas noções de ordem próxima e ordem distante, apontadas por Lefebvre. Mais que isso, livres da produção do conhecimento a partir de categorias burguesas de análise, podemos pensá-lo a partir de contradições que ora resgatam o velho, ora ensejam o novo. Nesse sentido, o urbano e a urbanidade apontam rumos de pensamento pouco enfrentados até o momento, sendo que a cidade salta como objeto de compreensão, posto que arena dessas contradições, palco das inovações, das rupturas pelo vivido que se dão nos bares, nos mais diversos tipos de encontros dos trabalhadores, nas festas. Enfim, situações pelas quais retículos e filamentos se estabelecem como níveis de comunicação entre os pares.

Das considerações finais

No tempo, o espaço; no espaço, o tempo. Tempo-espaço se amalgamam e, nos seus interstícios, o cotidiano dos “bóias-frias” muito nos revela. A despeito daqueles que o tomam como simplesmente rotineiro, repetitivo, tedioso, este nível enceta o diferencial, o criativo, o inusitado, a novidade. Num plano prático-sensível, é a partir do cotidiano que a linguagem se estabelece, que as relações sociais permitem o encontro, o efetivo uso dos corpos na obtenção do prazer. É na cotidianidade que desejos e necessidades se anunciam. Dado isso, ela é, como elucida Henri Lefebvre, dialético-antropológica, tendo em vista que espaço de representação, representação do espaço e práticas espaciais tangenciam-se pela tríade *necessidade-trabalho-gozo*.

Do ponto de vista do cotidiano dos “bóias-frias”, o diferencial irrompe nos bares, no momento da festa, quando, então, expõem seus dilemas, medos, dramas e anseios mais elementares. Esta representação de espaço, o bar, é, poder-se-ia dizer, o lócus no qual há o encontro de múltiplos espaços de representação em torno de uma única prática espacial: a superação das dificuldades pelo imaginário, pelo onírico, pelo

poético. É o espaço-tempo no qual os “bóias-frias” se reúnem e trocam suas experiências, raro diante da racionalidade que reluta por invadir toda a cotidianidade.

O encontro dos interstícios não é tarefa fácil. Por isso, valemo-nos de um pensamento total, avesso à especialização. Ao mesmo tempo, de um método que prescinde da dialética e que se volta, insistentemente, para o real. Neste sentido, fizemos uma sociologia ativa, a qual propugna o movimento do pensamento, o pensamento em movimento e o pensamento do movimento. Aí reside a grande dificuldade de uma sistematização deste trabalho. Esta dificuldade existe, aliás, do ponto de vista da forma, porque do ponto de vista de seu conteúdo a sistematização é suplantada pela natureza do pensamento, um pensamento vivo que se transforma conforme a realidade que busca apreender.

Referências Bibliográficas

BARRIOS, Sonia. A construção do espaço. In: Souza, Maria Adélia A. de; Santos, Milton (orgs.). *A construção do espaço*. São Paulo: Nobel, 1986

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Les défis à la construction de la Problématique urbaine. *Études lefebvriennes*. Revue éditée par l'Association La Somme et le Reste, Paris, n.º 3, fev., 2004.

DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. Marins Fontes, 1999.

ÉSQUILO. *Prometeu acorrentado*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FERNANDES, Florestan. *A natureza sociológica da sociologia*. São Paulo: Ática, 1980.

FERRANTE, Vera Lúcia S. Botta. *Os herdeiros da modernização. Grilhões e lutas dos bóias-frias. São Paulo em Perspectiva*, n.º 8, v. 3, 1994.

FREITAS, Revalino Antonio de. *Tempo de trabalho e sindicalismo*. Uma análise da ação sindical na questão do tempo de trabalho (1980 - 2000). Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Estadual Paulista. Araraquara, SP, 2006.

GRAMSCI, Antonio. *Americanismo e Fordismo*. Cadernos do cárcere. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2001.

LEFEBVRE, Henri. *La presencia y la ausencia: contribución a la teoría de las representaciones*. México: FCE, 2006.

LEFEBVRE, Henri. *Lógica formal/Lógica dialética*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1983.

LEFEBVRE, Henri. *Hegel, Marx, Nietzsche ou O reino das sombras*. Póvoa de Varzim: Ulisseia, 1976.

LEFEBVRE, Henri. *De lo rural a lo urbano*. Barcelona: Ediciones Península, 1975.

LEFEBVRE, Henri. *O pensamento marxista e a cidade*. Póvoa de Varzim: Ulisseia, 1972.

LEFEBVRE, Henri. *Posição: contra os tecnocratas*. São Paulo: Nova crítica, 1969.

LEFEBVRE, Henri. *Critique de la vie quotidienne II: Fondements d'une sociologie de la quotidienneté*. Paris: L'Arche Éditeur, 1961.

LIMONAD, Ester. Reflexões sobre o espaço, o urbano e a urbanização. *GEOgraphia*. Ano 1, nº 1, 1999. p. 71-91.

MARTINS, José de Souza. *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: Contexto, 2009.

MARTINS, José de Souza. *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. 2ªed. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, José de Souza. *A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre pobreza, exclusão e classes sociais*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

MARTINS, José de Souza. *O cativo da terra*. 2ª ed. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1981.

MENDRAS, Henri. et. al. Sociologia do meio rural. In: Queiroz, M. I. P. (org.). *Sociologia rural*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1969.

QUEIROZ, Maria Izaura Pereira de. Introdução: Por que uma sociologia dos grupos rurais. In: Mendras, H. et. al. *Sociologia rural*. Rio de Janeiro: Zahar editors, 1969.

RODRIGUES, Arlete Moysés. *Produção e consumo do e no espaço*. Problemática ambiental urbana. Tese de Livre-docência. Livre Docência em Geografia Humana e Econômica. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, 1996.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4ª ed. São Paulo: Editora da USP, 2008.

SARTRE, Jean Paul. *Questões de método*. São Paulo: Difusão européia do livro, 1966.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. *Errantes do fim do século*. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

Recebido para publicação em setembro de 2010

Aprovado para publicação maio de 2011